



Contemporânea

Contemporary Journal

2(6): 1408-1423, 2022

ISSN: 2447-0961

Artigo

UMA REFLEXÃO SOBRE AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS INDÍGENAS A PARTIR DO ARQUIVO PESSOAL DE SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

A REFLECTION ON INDIGENOUS NARRATIVES AND MEMORIES FROM THE PERSONAL ARCHIVE OF SÍLVIO COELHO DOS SANTOS

DOI: 10.56083/RCV2N6-021

Recebimento do original: 04/11/2022

Aceitação para publicação: 07/12/2022

Thayse Jacques da Silva

Mestre em Sociologia

Instituição: Freie Universität Berlin - Institut für Soziologie

Endereço: Gary str. 55 14195 Berlin

E-mail: thayjdasilva@gmail.com

RESUMO: Este ensaio busca refletir a experiência de trabalho como bolsista de iniciação científica no arquivo pessoal do etnólogo catarinense Sílvio Coelho dos Santos no período compreendido entre os anos de 2011 e 2014. Ele traz uma reflexão acerca dos possíveis desdobramentos de pesquisa em arquivos pessoais e institucionais, neste caso específico no arquivo pessoal de Sílvio Coelho dos Santos. Baseada na proposta de Cunha&Heymann (2006) que trata os conhecimentos que compõem os arquivos como um sistema de enunciados, verdades parciais, interpretações históricas e culturalmente constituídas – sujeitas à leitura e novas interpretações, busco trazer uma reflexão acerca dos novos olhares, usos e leituras e redes criadas a partir do arquivo através do movimento de retorno dos indígenas a Universidade como estudantes. Com o movimento de retorno outros significados são atribuídas ao arquivo. A partir daí, interessa-me propor uma reflexão sobre as possibilidades suscitadas por esse movimento.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivos pessoais, Memória, Narrativas, Etnologia indígena, Redes.



ABSTRACT: This essay seeks to reflect the experience of working as a scientific initiation fellow in the personal archive of the Santa Catarina ethnologist Sílvio Coelho dos Santos in the period between the years 2011 and 2014. It brings a reflection about the possible unfoldings of research in personal and institutional archives, in this specific case in the personal archive of Silvio Coelho dos Santos. Based on the proposal of Cunha&Heymann (2006) that treats the knowledge that makes up the archives as a system of statements, partial truths, historical and culturally constituted interpretations - subject to reading and new interpretations, I seek to bring a reflection about the new looks, uses and readings and networks created from the archive through the movement of return of indigenous people to the University as students. With the return movement other meanings are attributed to the archive. From there, I am interested in proposing a reflection on the possibilities raised by this movement.

KEYWORDS: Personal archives, Memory, Narratives, Indigenous ethnology, Networks.



1. Introdução

Em 2015, defendi meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre a trajetória inicial de Sílvio Coelho dos Santos e a formação dos estudos de Etnologia Indígena no Sul do Brasil. O trabalho intitulado "*Da aculturação à Fricção: O início da trajetória acadêmica de Silvio Coelho dos Santos e a emergência da Etnologia Indígena no Sul do Brasil*" é resultado de uma pesquisa no acervo do professor Sílvio Coelho dos Santos que iniciou-se em 2012, quando ingressei no Núcleo de Estudos de Populações Indígenas (NEPI) do Departamento de Antropologia Social da Universidade de Santa Catarina.

Sílvio Coelho dos Santos (SCS), falecido em 2008, foi professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), fundador do NEPI, e um dos primeiros antropólogos de Santa



Catarina, tendo iniciado seus estudos e pesquisas com grupos indígenas do sul já na década de 1960 com Roberto Cardoso de Oliveira. Além de professor e pesquisador, SCS também teve uma importante atuação política em defesa dos direitos indígenas e na Associação Brasileira de Antropologia (ABA) que foi presidente durante os anos de 1992 a 1994.

O acervo do professor Sílvio Coelho dos Santos, fruto de uma trajetória de trabalho de mais de quarenta anos de atividades, congrega um conjunto de materiais de pesquisa como livros, coleções, monografias, dissertações, teses, documentos, livros, publicações, materiais didáticos, levantamento de campo, fotografias, entre outros que se encontram nas estantes e arquivos da sala do NEPI, localizada na Universidade Federal de Santa Catarina no prédio do Centro Filosofia e Ciências Humanas, número 313. Entretanto, esse conjunto de materiais de pesquisa representa apenas parte do acervo, pois há ainda uma parte sob a tutela da família de Sílvio Coelho dos Santos¹, e outra no espaço do MARquE (Museu de Arqueologia e Etnologia da UFSC)².

No momento de minha inserção no núcleo de pesquisa, fui apresentada a um projeto em desenvolvimento no NEPI sobre o acervo de Sílvio Coelho dos Santos. Este projeto é resultado das preocupações das professoras Antonella Tassinari³, Edviges Ioris⁴ e Maria José Reis⁵ em relação ao destino a ser dado ao conjunto de materiais deixado pelo professor no espaço do Núcleo. A preocupação dessas professoras, que deram continuidade aos

¹ Recentemente o material que estava sob tutela da família de Sílvio Coelho dos Santos foi doado ao NEPI. Entretanto, não tive tempo hábil para examiná-lo cuidadosamente visto que sua doação foi realizada no fim do ano letivo de 2014.

² O MarquE tem sua origem no Instituto de Antropologia criado em 1965 por Oswaldo Cabral professor de Sílvio Coelho dos Santos. Após a reforma universitária iniciada na década 1970 o instituto passou a se denominar Museu de Etnologia e Arqueologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Antropóloga e Professora adjunta do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do NEPI.

⁴ Antropóloga e Professora adjunta e coordenadora da Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do NEPI.

⁵ Arqueóloga e Professora aposentada do Departamento de Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina.



possível a maneira que se encontravam no espaço físico, onde cada documento está separado por temas em suas respectivas pastas.

Estas pastas, que guardam parte do acervo, estão disponíveis em seis arquivos de metal, possuindo quatro gavetas em cada um deles, dispostos um ao lado do outro. O primeiro destes arquivos contém informativos e reportagens acerca das populações indígenas no sul do Brasil, a maioria oriundos de jornais locais. O segundo é composto de textos e programas de disciplinas que Sílvio Coelho dos Santos ministrou durante sua trajetória como professor. Os outros dois arquivos são compostos por fotografias que representam parte de seu material etnográfico, resultado de seus trabalhos de campo juntos aos indígenas do sul do Brasil. Já os últimos que manuseei estão separados em pastas dentro das gavetas e, são compostos de materiais relativos às instituições financiadoras das pesquisas, e por fim, os arquivos agora digitalizados, que são projetos de pesquisa, cartas, documentos e diários.

Entretanto, o acervo possui um volume maior de materiais, sendo que os arquivos de metal representam apenas a parte em que trabalhei durante as atividades do AVISC. Além destes arquivos de metais, o acervo está distribuído por cinco estantes, cada uma com seis prateleiras onde estão dispostos materiais diversos: as duas primeiras estantes armazenam teses, dissertações e monografias, classificadas de acordo com o tema e com o nome dos/as autores/as. A primeira prateleira que compõe estas estantes também dispõe materiais relativos ao projeto barragens (o que é), além de laudos antropológicos, as duas outras estantes são compostas de periódicos, revistas, boletins, informes e relatórios da ABA e do Museu Nacional separados de acordo com o título e ano. E, por fim, a última estante que contém publicações separadas por grandes temas, como hidrelétricas e populações locais, concentrados na primeira prateleira; e na segunda prateleira, publicações etiquetadas como índios e direito e populações indígenas no Brasil, na terceira, publicações específicas das etnias do sul:



Estes aspectos identificados a partir de minhas atividades no AVISC, abriram-me a possibilidade de trabalhar não apenas com a perspectiva que trata os arquivos como fonte de estudo, mas também de olhar para a trajetória de Sílvio Coelho dos Santos a partir do arquivo, especialmente aquele que se encontra no NEPI. Neste caso, o arquivo se constituiu como motivador para conhecer mais detalhadamente um momento específico da trajetória de SCS: aquela inicial de seus estudos.⁶

Assim, meu TCC abordou o início da trajetória acadêmica de Sílvio Coelho dos Santos e a emergência da Etnologia no Sul do Brasil. Neste sentido, procurou estabelecer um intenso diálogo a níveis teóricos e institucionais com as características formativas da Antropologia Brasileira na década de 1960. A partir deste diálogo foi possível compreender as condições e as características de formação do campo da Etnologia Indígena no sul do Brasil, frente a um contexto que se acreditava não existir mais indígenas na região, especialmente as populações Jê. A razão desta crença, estava nas ínfimas pesquisas que existiam sobre os Jê meridionais que apontavam para seu inevitável desaparecimento. Nestas circunstâncias, as pesquisas iniciadas por Sílvio Coelho dos Santos, através dos aportes teóricos emergentes na Antropologia Brasileira, permitiram a visibilização destas populações e o apontamento para um destino diferente daquele previsto pelas (poucas) pesquisas anteriores: a continuidade das populações indígenas no sul do Brasil.

⁶ ver DA SILVA, Thayse Jacques; “*Da aculturação à fricção: O início da trajetória acadêmica de Sílvio Coelho dos Santos e a emergência da Etnologia Indígena no Sul do Brasil*”, Florianópolis, UFSC 2015.



2. No campo

Durante o trabalho de campo nos arquivos tive contato com diversos relatos acerca da forte presença indígena na Universidade na época em que o professor Sílvio Coelho dos Santos era vivo. Essas narrativas oriundas de docentes do Departamento de Antropologia da UFSC vão ao encontro dos relatos que Furbringer (2013) traz em sua dissertação de mestrado acerca das coleções etnográficas de SCS situadas MarquE⁷. Em uma de suas entrevistas realizadas com funcionários do MarquE a pesquisadora destaca a fala de Seu Euclides, funcionário do Museu há mais de 35 anos, que diz:

“O professor Sílvio sempre trazia os índios para o museu. Às vezes até dormiam ali (apontando para o prédio antigo), nesses dias sempre tinha churrasco e peixe”. Ele contou como eram essas situações, que os indígenas vinham para manifestações, ou para conversar com “gente do governo” e se ficava muito tarde para pegar a estrada dormiam no museu mesmo” (FURBRINGER, 2013 p.35)

Ainda, de acordo com ex-bolsistas do professor SCS, os indígenas também ocupavam periodicamente o espaço do NEPI, núcleo criado por SCS na década de 90. Após a morte do professor, em 2008, o NEPI teve suas atividades interrompidas por cerca de dois anos. Foi então, que no segundo semestre de 2010 as professoras Antonella Tassinari e Edvigis Ioris voltaram a se reunir para dar continuidade as atividades do núcleo de pesquisa, bem como pensar o destino do acervo deixado por SCS no espaço do NEPI.

Em 2011 o curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica foi criado na Universidade Federal de Santa Catarina. O curso é focado nas populações indígenas situadas na parte meridional do Bioma Mata Atlântica: Guarani, Kaingang e Xokleng-Laklaño. A matriz curricular do curso

⁷ Nadia Phillippsen Furbringer mestre em antropologia e aluna do Doutorado do PPGAS defendeu em 2013 sua dissertação acerca do material fotográfico do AVISC destacando as novas articulações e ressignificações pelos indígenas a partir das coleções etnográficas de Sílvio Coelho dos Santos localizadas no MARquE.



é dividida por etapas intensivas (semestres) que ocorrem nas aldeias e no Campus da UFSC em Florianópolis nos meses de fevereiro, maio, julho e outubro. Este currículo corresponde a um total de 3.348 horas, com carga horária distribuída em oito semestres.⁸ Deste modo, com a criação da Licenciatura, os indígenas retornaram ao espaço acadêmico rotineiramente, mas desta vez, como acadêmicos. O retorno ao NEPI objetivou a realização de pesquisas no acervo do professor SCS no período em que assistiam as aulas no campus da UFSC e escreviam seus projetos de Trabalho de Conclusão de Curso.

Como bolsista do NEPI, além de realizar pesquisas e levantamento do conteúdo presente no arquivo, era responsável também pela abertura e fechamento do núcleo no período vespertino. Consequentemente, acabei acompanhando os/as alunos/as da licenciatura durante suas pesquisas. A grande maioria dos alunos e alunas que acompanhei eram da etnia Xokleng/Laklaño.

Durante as consultas, como conhecia grande parte do conteúdo dos arquivos, os auxiliava na procura de temas que lhes interessavam. O que me chamou atenção foi a recorrência de interesse, por parte dos Xokleng-Laklaño, acerca dos eixos de produção do professor SCS ligados aos grandes projetos e as populações locais, mais especificamente ao impacto das barragens no modo de vida dos grupos indígenas, bem como questões de antropologia e direito. Também procuravam com frequência, documentos oficiais que diziam respeito a ações indigenistas e ao projeto barragens⁹, desenvolvido por SCS. De acordo com depoimentos dos próprios estudantes indígenas estas questões eram muito importantes para a etnia Xokleng-

⁸ Este curso de Licenciatura habilita para: Licenciatura da Infância: Formação inicial comum para a docência na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental das escolas indígenas; Licenciatura das Linguagens: Ênfase em direitos indígenas e Licenciatura do conhecimento ambiental: Ênfase em gestão ambiental.

⁹ O projeto barragens objetivou desenvolver pesquisas sobre os efeitos sociais da implantação de usinas hidrelétricas no país, desde finais da década de 1970.



Laklaño e precisavam ser discutidos por eles.

Percebi que a procura destes materiais eram mais recorrentes entre estudantes mais jovens, as estudantes mais velhas (mulheres na sua maioria), focavam suas pesquisas nos temas relacionados a educação indígena e a importância da cultura e da língua Xokleng. Elas, como professoras nas escolas indígenas, diziam-me que o resgate da língua Xokleng é uma urgência. Uma delas ainda comentou comigo que, para incentivar sua neta, costumava trocar mensagens com ela, através do celular, na língua Xokleng.

Entre os mais jovens, esta narrativa não apareceu, entretanto, percebi que, muitas vezes, falavam a língua nativa entre si durante as visitas no arquivo.

Com as estudantes de mais idade, tive a oportunidade de conversar sobre meu trabalho nos arquivos do professor SCS e elas, com muito entusiasmo, me contavam que seus pais e avós costumavam hospedar o professor SCS todas as vezes que ia para aldeia¹⁰ realizar suas pesquisas. Narravam também que quando seus pais, avós e tios vinham a Florianópolis, muitas vezes para tratar de assuntos políticos, o professor costumava os hospedar em sua casa e leva-los à Universidade Federal de Santa Catarina para as mobilizações indígenas e negociações com o governo.

Em 2014, os estudantes indígenas apresentaram seus TCCs como produto das pesquisas realizadas nestes anos no curso de Licenciatura. Os temas dos trabalhos entre os Xokleng-Laklaño versaram sobre, educação indígena Laklaño, infância Laklaño, a problemática da barragem norte e os impactos no modo de vida Xokleng-Laklaño e diversos trabalhos acerca da importância da cultura e da língua Xokleng. Muitas destas produções agora agregam o acervo do NEPI junto aos arquivos deixados por Sílvio Coelho dos Santos.

¹⁰ Terra Indígena Laklaño –José Boiuteux Santa Catarina- Brasil



3. Percepções e Possibilidades

A experiência que o campo (o arquivo) me proporcionou me suscita diversas possibilidades a serem trabalhadas mais atentamente em reflexões futuras.

Já durante meu trabalho de campo no arquivo a primeira possibilidade- que acabou sendo abandonada por limitações de tempo e porte de minha pesquisa- foi pensar a constituição dos arquivos particulares de pesquisa de antropólogos/as (ou outros profissionais) como campo privilegiado de investigação da conformação do desenvolvimento do conhecimento científico. Esta abordagem, que tive contato através do AVISC, se fundamenta em um “novo” tipo de relação dos/as antropólogos/as com os arquivos pessoais e está baseada numa preocupação em comum: a partir de Foucault (1986), conceber os conhecimentos que compõem os arquivos como um sistema de enunciados, verdades parciais, interpretações históricas e culturalmente constituídas – sujeitas à leitura e novas interpretações (CUNHA, 2005; HEYMANN, 2006; NEDEL, 2011). Essa perspectiva é extremamente relevante para o campo do conhecimento antropológico, da qual alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos mais recentemente.

Um dos trabalhos que vem sendo realizados no Brasil neste sentido é o da antropóloga do Museu Nacional (UFRJ) Olivia Gomes da Cunha (2006), que se empenhou em realizar uma etnografia na coleção etnográfica da antropóloga estadunidense Ruth Landes¹¹(1908-1991), a qual é mantida pelo *National Anthropological Archives (Smithsonian Institution)*¹². A pesquisa sobre seu acervo buscou compreender a formação dos estudos

¹¹ Ruth Landes, etnóloga estadunidense da Universidade de Columbia, veio ao Brasil em 1938, onde deu início aos seus estudos sobre as relações raciais no Candomblé. Em 1947, publicou o seu livro *City of Women (Cidade das Mulheres)*, sua obra mais conhecida.

¹² O *National Anthropological Archives* é um programa de coleta e preservação de materiais históricos, antropológicos e contemporâneos que documentam as culturas do mundo e da história da antropologia.



afro-americanos nos Estados Unidos. Outro trabalho realizado dentro desta abordagem é o de Luciana Heymann (2006) antropóloga e pesquisadora do CPDOC¹³, que por sua vez, investigou o arquivo pessoal de Darcy Ribeiro, trazendo, também, importantes contribuições para produção de etnografias dos (nos arquivos).

As reflexões de Cunha (2005) e Heymann (2006) sugerem que as motivações e as dinâmicas presentes no arquivo podem ser identificadas através de etnografias que busquem os contextos de acumulação e a compreensão de significados presentes no arquivo. Para Heymann (2006), a realização de etnografia do/no arquivo caracteriza-se como uma espécie de “recuperação” da história; já para Cunha (2005) conforma-se como o lugar onde a história não é contada, mas contestada, sendo o arquivo, o campo de interesse para uma compreensão crítica acerca das formas de produzir histórias da disciplina (CUNHA, 2005, p. 291).

Esta abordagem etnográfica permite a concepção do “arquivo” como objeto de estudo antropológico, possibilitando a investigação de diferentes domínios identificados em arquivos de natureza pessoal que em geral não são visuais nas publicações, mas que foram fundamentais para a sua produção. Deste modo, os arquivos pessoais de pesquisadores/as nos fornecem a possibilidade de desvendamento dos meios e as condições em que a obra de um autor foi produzida.

Assim, em um primeiro momento elegi esta abordagem para realizar meu trabalho de conclusão de curso através do arquivo de SCS a fim de compreender os processos e condições de conformação da etnologia indígena no sul do Brasil. Entretanto, durante a pesquisa se colocaram alguns impasses e obstáculos para execução desta proposta inicial. O primeiro, e

¹³ Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV).



mais importante deles foi a impossibilidade de realização de uma pesquisa deste porte no tempo que dispunha.

Considerar um arquivo pessoal como objeto de pesquisa exige tempo hábil para que se conheça todo o material que compõe este arquivo. A composição do acervo de Sílvio Coelho dos Santos é extensa e se encontra, atualmente, em dois espaços: Museu (MARquE) e NEPI, sendo que a parte que se encontrava aos cuidados da família do professor doada ao Núcleo no término de minhas atividades como bolsista de iniciação científica.

A realização de uma pesquisa da dimensão proposta por Cunha (2005) e Heymann (2006) exige também o conhecimento dos atores responsáveis pela organização e manutenção do arquivo, o que não foi possível durante o período em que desenvolvia minhas atividades no NEPI. Entretanto, apesar desta proposta ser inadequada naquele momento da pesquisa, ela me abriu um outro leque de possibilidades que dizem respeito as dinâmicas do arquivo, os novos olhares e interpretações sobre ele.

Por exemplo, uma questão que desponta no arquivo de SCS, é o seu papel político. O projeto de SCS era deixar tais produções para os grupos os quais dedicou seus anos de estudos: os indígenas do sul, especialmente os Xokleng-Laklaño. Os eixos da produção de SCS que envolvem questões políticas e que foram motivadas e marcadas pelo comprometimento com as lutas destes povos, como é o exemplo dos grandes projetos e antropologia e direito, são também aqueles eixos da produção de SCS que os estudantes mais jovens acessaram nestas visitas. Além disso, eles puderam ter acesso aos "bastidores" desta produção ao solicitarem a consulta a documentos oficiais que diziam respeito a negociações dos indígenas com o governo. Como mencionado anteriormente, de acordo com os estudantes da licenciatura estes assuntos precisam ser discutidos por eles e são de suma importância neste momento político.

Deste modo, com o movimento de retorno dos indígenas à Universidade,- e neste caso, ao NEPI,- outros significados são atribuídas ao



arquivo. Novos usos, olhares, leituras e redes são criados a partir deste material. A partir daí, interessa-me saber o que está sendo pensado e como está sendo utilizado o arquivo pelos indígenas. Para chegar no contexto e motivações de acumulação destes arquivos pretendo traçar o caminho inverso ao atentar-me nas redes, nas narrativas e nas produções dos/as acadêmicos/as indígenas geradas a partir do arquivo. Deste modo, as novas coisas (INGOLD,2012) suscitadas pelo arquivo me permitirão de algum modo chegar ao contexto e intencionalidades de sua acumulação.

O arquivo é um dos lugares onde ocorrem as trocas, pondo em dinamismo os próprios registros e produções presentes nele, além de agenciar memórias, narrativas e neste caso novas produções acadêmicas que dialogam ou refutam o conjunto de enunciados (Foucault 1986) presente no arquivo.

Ao encontro das reflexões de Cunha (2008), entendo o arquivo de SCS como o lugar onde a história da disciplina possa ser vista de uma maneira crítica. Neste contexto, ele permite a troca de saberes e o diálogo simétrico que contribuem de maneira significativa para (re)pensarmos os saberes produzidos pela disciplina.



Referências

CUNHA, Olívia. Do ponto de vista de quem? Diálogos, olhares e etnografias dos/nos arquivos. In: **Revista Estudos Históricos**. vol. 2, num.36. Rio de Janeiro, 2005.

_____. Tempo imperfeito: etnografia do arquivo. In: **Mana**. vol. 10. num. 2. Rio de Janeiro, 2004. p. 287-322.

DAL POZ, João. A etnia como sistema: contato, fricção e identidade no Brasil indígena. In: **Sociedade Cultural**. vol.6, num. 2, 2003. p. 177-188.

FURBRINGER, P.Nadia. **Coleções etnográficas: objetos, fotografias e registros de campo. Novas articulações e ressignificações**. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GROSSI, Miriam Pillar. Sílvio se foi, e agora? **Vibrant**. v. 6.1, Florianópolis, 2009. p. 9-20.

HEYMANN, Luciana. Arquivos e interdisciplinaridade: algumas reflexões. In: **Seminário CPDOC 35 anos: A interdisciplinaridade nos estudos históricos**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <cpdoc.fgv.br>.

_____. Os Fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro. **Estudos Históricos**. n. 36. Rio de Janeiro, julho-dezembro de 2005. p. 43-58.

ILHA, R. **Antr., Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC**. Florianópolis/SC. Brasil. ISSN 2175-8034, 2009.

INGOLD, Tim. Trazendo coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre Jan/Junho 2012, vol 18 n 37.

SANTOS, Silvío Coelho dos. A Integração do Índio na sociedade regional: A função dos postos indígenas em Santa Catarina. In: **Anais do Museu de Antropologia da UFSC**, 1969.

_____. **Indigenismo e expansão capitalista: Faces da agonia Kaingang**. Florianópolis, UFSC, 1979.



_____. **Índios e Brancos no Sul do Brasil:** A dramática experiência dos Xokleng. Porto Alegre: Movimento, 1973.

_____. **Memória da antropologia no sul do Brasil.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. Os Grupos Jê em Santa Catarina. **Projeto de pesquisa.** Florianópolis, 1963.